

Goria demonstra compreensão

Roma (do correspondente) — As declarações feitas pelo ministro do Tesouro da Itália, Giovanni Giuseppe Goria, depois do encontro de 65 minutos que teve ontem com seu colega e amigo Dílson Funaro, revelaram que a posição italiana diante da situação brasileira é mais cuidadosa do que se imaginava. Na melhor das hipóteses, de discreta compreensão.

Na breve entrevista que concedeu ao JORNAL DO BRASIL, tendo ao seu lado o ministro brasileiro, Goria deixou claro que a Itália, com grande cordialidade, parece não ver com bons olhos as teses de politizar as negociações e da criação de um mecanismo de automatização para o financiamento da dívida.

Para se chegar a essa conclusão basta ler com alguma atenção o diálogo que o ministro Goria manteve ontem, na sala de reuniões do Ministério do Tesouro, com o correspondente deste jornal em Roma:

— Gostariamos de conhecer suas impressões deste encontro e algo sobre os argumentos que nele foram tratados.

Goria: Ao ministro Funaro nos liga uma simpatia não nova. Sempre nos encontramos com grande solidariedade, que hoje confirmamos mais uma vez. O ministro Funaro nos expôs as razões de uma escolha recente, mas sobretudo as intenções de proceder ao saneamento da economia de seu país. De nossa parte, exprimimos a nossa solidariedade e a vontade de torná-la ativa com fórmulas que a cada momento juntos avaliaremos.

Colaboração quer dizer fazer juntos um pedaço da estrada.

— O ministro brasileiro trouxe também teses e propostas a respeito do pagamento da dívida externa do Brasil?

Goria (rindo): — Esse é o trabalho que juntos deveremos fazer.

— Mas a Itália manifesta compreensão por essas propostas brasileiras?

Goria: Sim, manifesta compreensão. Não somente pela grande atenção que devemos dar a um grande país que é nosso amigo desde sempre. Manifesta inclusive uma compreensão racional. Eu disse ao ministro Funaro que o mundo é pequeno. Os problemas de uns são problemas de outros. Se não tentarmos, todos juntos, resolver esses problemas, será difícil pensar num futuro sereno para todos. Esse interesse nos une, e é também o que nos garante mais a existência de uma vontade comum.

— Na visita que o presidente Sarney fez ano passado a Roma, no colóquio que teve com o presidente italiano, Francesco Cossiga, este último tomou a iniciativa de declarar-se favorável a uma negociação política para a questão da dívida externa dos países em desenvolvimento e do terceiro mundo. O mesmo Cossiga disse considerar um erro a rigidez dos bancos como a tentativa de tratar essa questão como se fosse um simples problema bancário.

Goria: O presidente Cossiga tem e exprime opiniões respeitáveis, mas opiniões que são sempre suas. Eu creio em que a comunidade internacional deve alinhar-se e empenhar-se ao máximo para que as soluções sejam racionais.